

A FOTOGRAFIA MORTUÁRIA NA CIDADE DO RECIFE, PERNAMBUCO: INDICADORES DE UM IMAGINÁRIO URBANO SOBRE FOTOGRAFIA E MORTE NOS FINAIS DA DÉCADA DE 1990.

Mauro Guilherme Pinheiro Koury *

Este trabalho busca compreender as atitudes no Brasil contemporâneo da sociabilidade urbana em relação ao luto e aos rituais da dor de quem perde um ente querido, especificamente, levantar algumas questões sobre o uso da fotografia mortuária na cidade do Recife, Pernambuco, ou sobre sua existência nos álbuns de família locais. O universo é formado por um conjunto de sessenta e nove informantes, recifences, ou moradores da cidade¹, entrevistados entre os anos de 1995 e 1997.

Uma breve caracterização desses informantes se faz necessária para uma compreensão melhor de suas respostas à questão da fotografia mortuária de cunho privado.

Dos sessenta e nove entrevistados, 62,32% eram do sexo feminino, contra 37,68% do sexo masculino. A escolaridade de 17,39% chegava ao primeiro grau completo, 39,13% ao segundo grau completo e 43,48% dos respondentes ao superior completo. Como se pode ver, os indivíduos que optaram por responder à pesquisa possuem em sua maioria uma educação formal acima da média brasileira, sendo especificamente pertencentes às classes médias e altas.

Quanto à renda, 57,97% estão situados na faixa de 06 a 20 sm, 14,49% acima de 21 sm e 27,54% na faixa de 01 a 05 sm. O que confirma a opinião acima atribuída quanto à inserção dos entrevistados da cidade do Recife nas classes médias e altas. As profissões são as mais variadas, de aposentado, dona

* Professor do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Coordenador do Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Imagem, GREI, e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia da Emoção, GREM, na mesma universidade.

¹ Faz parte de uma pesquisa maior sobre Luto e Sociedade no Brasil, na qual foram entrevistados 1304 informantes nas vinte e sete capitais de estados do Brasil, entre os anos de 1994 e 1999.

de casa a estudante. De empresário, comerciante e profissional liberal e professor, a militar, de trabalhador de nível médio e trabalhador manual a desempregado.

Dos informantes, 92,75% freqüentam religião, contra 7,25% que afirmam não possuir qualquer tipo de religião. Dos que aceitam alguma forma de religiosidade, 62,32% são católicos, 21,74% evangélicos e 8,70% de outras religiões (espiritismo, religiões afro-brasileiras, religiões orientais, e outras)

Perguntados se possuem o hábito de fotografar os seus mortos, 84,06% afirmaram que não, contra 15,94% que disseram ter o costume da fotografia mortuária. É interessante notar que todos os evangélicos afirmaram não possuir o hábito, muitos deles tendo afirmado a diabolização presente no costume, sendo condenado pela Igreja como um apego a práticas mundanas que pecam sobretudo por condenar o morto ao inferno e os que o praticam de nunca poderem aspirar à salvação.

São sobretudo os católicos que atestam a afirmação do uso da prática da fotografia de seus entes queridos mortos. A fotografia mortuária parece significar para alguns uma forma de retenção da face da boa morte, costume medieval que buscava diagnosticar através da face do morto se ele chegaria em paz no céu, e se tinha cumprido todos os compromissos terrenos antes da hora do trespasse, segundo o historiador francês Phillipe Ariès, que estudou as atitudes do homem ocidental perante a morte.

Os informantes que afirmaram não fotografar, quando perguntados sobre o porque de não fotografarem seus mortos, responderam que a religião não permite (5,80%) ou que a fotografia mortuária era um desrespeito ao morto (15,94% das respostas). Neste tipo de informação, a religião, enquanto uma instância desindividualizadora, ou seja, superior ao indivíduo, parece atuar como o principal centro de referência e informação do sujeito com relação à fotografia mortuária. O desrespeito ao morto parece estar relacionado com a dessacralização da morte nele representada, com os malefícios para o bem estar celeste dele e para a salvação e possível intermediação do morto com o além para com os que ficaram. O não uso da fotografia mortuária está preso assim às

amarras de uma atitude relacional, em que a religião tece as redes e dirige os seus nós para assegurar a configuração final.

Interessante, porém, é a verificação de que 31,88% dos entrevistados preferem lembrar a pessoa viva. Acreditam que a lembrança do morto quando em vida ameniza a solidão e torna possível uma evocação sentimental do que se foi pelos que ficam. A fotografia mortuária, por sua vez, parece prolongar a dor e é vista como uma atitude mórbida, por fixar a morte como elemento de recordação.

É o que parecem pensar também os 7,25% dos recifences que informaram, explicitamente, que não utilizam esse costume para evitar recordações da dor. E mesmo os 4,35% que informaram ter pavor só em pensar na fotografia mortuária.

Para estas três categorias, a morte deve ser esquecida, se não se pode ainda domá-la e vencê-la. As atitudes do registro do corpo morto amado é sentida como mórbidas, e são olhadas com desdém, seja interpretando-as como ingênuas e ligadas ao passado, e como tal não civilizadas, na formulação conceitual proposta por Norbert Elias em diversos trabalhos, seja psicologizando e explicando-as como fixação mórbida à morte e, como tal, como atitude doentia que deve ser tratada por especialistas.

Outros informantes, entretanto, indicaram falta de interesse (18,84%) para a prática do hábito de fotografar seus mortos. Essa atitude revela uma indiferença manifesta existente quanto às relações dos sujeitos em cena no social. O tanto faz parece propor a existência de uma diversidade de atitudes onde cada qual faz o que quer, por outro lado, parece mais uma indisponibilidade e ao mesmo tempo uma carência em relação ao trato com o outro da ação. Parece revelar uma ambigüidade de atitude que evidencia a fragmentação de sentimentos coletivos e a desagregação do sujeito individual, em sua dor, do social. Que parece condenar o trabalho de luto a realizar-se unicamente como desilusão do mundo.

Os entrevistados que informaram ter o costume de fotografar os seus mortos, por outro lado, representam 15,94% dos entrevistados recifences. As

suas respostas situaram o costume como tradição (5,80%) e como uma espécie de última lembrança do ente querido que se foi (10,14%).

As respostas relacionadas à tradição indicam, por sua vez, a manutenção de um hábito familiar, vindo dos antepassados e conservado pelos avós e pelos pais. Muitos dos que indicaram o seu uso têm tradições recentes no urbano e conservam uma estrutura familiar cuja rede é importante para definição da configuração da pessoa no seu interior, e daí para o social.

Outros, pelo contrário, imputam a tal prática a busca de obtenção de um registro que seja a última lembrança do parente morto. Neste caso, não parece ser apenas a face da morte retratada, mas o processo do morrer. Muitos informam ao lado do questionário possuírem o registro fotográfico dos últimos momentos em vida de alguns dos seus entes queridos até a despedida final, quando o caixão é depositado na cova ou na caixa funerária.

É interessante notar aqui que na cidade do Recife ainda hoje existe, junto aos cemitérios mais populares e nas centrais de velórios, fotógrafos profissionais que se oferecem aos familiares para o registro final do morto enquanto velado, ou no cortejo até a última morada. Conversando com alguns deles, revelaram sobreviver basicamente desse tipo de registro, cobrando em média R\$ 5,00 (cinco reais) por cada foto revelada.

Essas fotografias não servem apenas para rememorar a morte do ente que se foi entre os que estavam próximos na hora dos momentos finais de vida e na morte, mas também, e principalmente, para ser enviadas para aqueles parentes, próximos ou amigos, que não puderam assistir aos momentos finais do ente amado. A troca de fotografias mortuárias tem o sentido, aqui, ao que parece, de assegurar aos que não puderam acompanhar o desfecho da morte de um parente, a sua morte. Como uma forma de, ao comprovar, poder exercitar o trabalho de luto em sua integridade.

A posse, mesmo que visual, do corpo morto, parece, aqui, configurar uma prática de consubstanciação da morte, permitindo uma introjeção do morto de uma forma inteira, por assegurar-se do seu morrer, ao mesmo tempo que parece

evocar o reforçamento de redes familiares como manutenção e estabilidade dos indivíduos que a ela pertencem, inclusive nos momentos de dor.

As atitudes perante a morte e o morrer na cidade do Recife, apesar de conservarem traços de uma rede tradicional que busca manter os rituais ligados à morte sob controle de instâncias desindividualizantes, como a religião e a família, parecem passar por um processo ambivalente de atitudes que vão desde a aparente indiferença aos rituais tradicionais e à própria morte até a indicação de expressões intensas de sentimento nos processos dolorosos como uma inadequação, ou como um apego mórbido ao que se foi.

Recife, segundo dados da pesquisa, encontra-se no interior de um processo mais geral de individualização das relações sociais na sociabilidade contemporânea brasileira, comum a todas as vinte e sete capitais de estado pesquisadas. A fotografia mortuária parece passar por um processo de declínio na sua publicização, pelos que a praticam, correspondendo a apenas 15,84% dos respondentes. Mas, a existência de profissionais fotógrafos ainda realizando suas atividades através do retrato mortuário, e o registro pelos próprios familiares de seus mortos, não apenas na morte, mas no processo de morrer, mostram que a prática ainda parece permanecer viva entre os homens comuns, apesar de sua atual suspeição social.

A pesquisa ainda está em processo. Seriam bem-vindas sugestões e informações sobre fotografias mortuárias e seu uso, em Pernambuco e no Brasil, desde o advento da fotografia, em 1850, até os dias de hoje. Podem ser enviadas para o endereço: koury@netpe.com.br.

